
SEXO DEGRADANTE E DESTRUIDOR: UMA
ANÁLISE SOBRE AS INTERDIÇÕES SEXUAIS
PRESENTES NOS LIVROS EVANGÉLICOS¹

Nina Rosas

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte – MG – Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4133-187X>

Bernardo Guimarães Praxedes de Araújo

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte – MG – Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3740-5426>

Milton Mendes Reis Neto

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte – MG – Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8095-241X>

Luiz Eduardo de Souza Pinto

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte – MG – Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2396-0138>

Introdução

“Sexo alegre, divertido, diferente, gostoso, interessante, apimentado e sem sair dos princípios bíblicos (...). Não é verdade que entre quatro paredes vale tudo. Não é. Não, não é, com certeza. Existem práticas nocivas, degradantes, destruidoras, mesmo entre marido e mulher.”²

A fala acima foi proferida pelo casal evangélico Márcia e Darrel – situados em Pernambuco, palestrantes, escritores e *youtubers*, dedicados a mentorar casais cristãos. A narrativa deles é exemplar do que é visto em inúmeras obras literárias de caráter religioso e que têm o sexo como tema. A presente investigação se volta, de modo particular, à interpretação daquelas que circulam sobretudo entre os evangélicos.

A pesquisa que embasou este artigo começou em 2016, quando iniciei a leitura do recém-lançado livro de Maria Filomena Gregori – *Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade*. Trafeguei com ela, virtualmente, pelos *sex-shops* e clubes BDSM descritos, imaginando como os evangélicos se sentiriam dentro desses contextos. Eu os tenho sempre em mente, pelo menos desde 2009, quando comecei minhas pesquisas de pós-graduação voltando-me ao estudo do grupo. Ouso dizer que o universo retratado por Gregori é completamente desconhecido pela maioria deles.

Rascunhei, assim, o projeto, que intitulei na época de “Religião evangélica e interdições sexuais”, que se alinhava a outras tentativas que eu tinha de entender como, no país que aprecia o carnaval, a exposição da nudez feminina, a sedução e o acentuado contato entre os corpos (Heilborn 1999), boa parte dos cristãos não absorve esses valores. Inquietava-me a intensa devoção religiosa de certos grupos se chocando frontalmente com a cultura brasileira de valorização do corpo e liberdade sexual.

Os evangélicos são um grupo teológico e doutrinariamente bastante heterogêneo (podem ser batistas, adventistas, presbiterianos, pentecostais, sem denominação etc.), mas a maioria deles³ faz de sua bandeira a moral cristã, elaborando narrativas bem conservadoras. Eles compõem a vertente religiosa que mais cresce no país (segundo dados do IBGE 2010), e atuam cada vez mais na política partidária. Da década de 1990 até 2018, a bancada evangélica aumentou sua composição expressivamente; de 27 deputados federais eleitos, em 1994, passaram a ser 84 representantes na Câmara a partir da apuração do último pleito.⁴ Tendo isso em vista, o discurso evangélico sobre a sexualidade continua se colocando como um importante tema de pesquisa. Pois, ao construir diálogos sobre o sexo e o modo como ele deve ser vivenciado, esses religiosos definem não apenas o sentir e o agir no espaço de suas intimidades, mas quais corpos são legítimos e ilegítimos, e quais práticas devem ou não ser protegidas.

No entanto, no contexto mais abrangente da sociedade atual, a pornografia – e pode-se acrescentar –, a masturbação, o sexo livre, o adultério e a prostituição, se antes eram deveras rechaçados, hoje já são absorvidos, ainda que em partes, pela população.⁵ Segundo Gregori, trata-se de um “erotismo politicamente correto protago-

nizado por atores ligados à defesa das minorias sexuais” (Gregori 2004:235). Apoia-se diversas modalidades de exercício da sexualidade, mas preservando o cuidado com o corpo, o fortalecimento do *self* e a neutralização dos conteúdos agressivos. Nesse sentido, a noção de obscenidade é nuançada, e a perspectiva do perigo é reduzida à dimensão do consentimento, fazendo com que a violência nem sempre seja problematizada (ibidem).

Instigada por tal mudança, me perguntei: como será que essa parcial assimilação das novas formas de sexo e excitação é processada por grupos moralmente mais conservadores, como o de evangélicos? Ainda que o direito sexual possa ser visto como um tema de foro íntimo, é preciso chamar a atenção para o fato de ele sofrer com a intervenção política e pública da religião. O posicionamento religioso dialoga com a cidadania sexual, influenciando mentalidades e regulando os comportamentos privados (Toldy e Santos 2016).

Busquei responder à indagação consultando livros, pois, desde a chegada dos primeiros missionários ao Brasil, os evangélicos (naquele contexto chamados sobretudo de protestantes, em função da origem denominacional) incentivaram a alfabetização, sobretudo para a leitura da Bíblia, e estimularam a criação de escolas e universidades cujo intuito era trazer modernização e progresso (Rolim 1985). Hoje em dia, a presença da literatura entre eles é uma marca que continua relevante (Lewgoy 2009). Inúmeras são as agremiações que têm pastores e outros líderes escrevendo e publicando recorrentemente, além de abrigarem, anexo aos templos, uma livraria com títulos diversos. Segundo Lewgoy (2004), “o mercado do livro religioso cresce de forma amplamente desproporcional à média do mercado editorial brasileiro” (idem: 53). Tal fato permite dizer que os livros podem ser considerados indicadores do comportamento dos fiéis, ou, no mínimo, guias de referência (no estilo manuais) aos quais se recorre para obter orientação e ajuda (Bonfim Filho *et al.* 2010), sem a necessidade de se submeter diretamente ao controle eclesialístico.⁶ Em relação à temática do sexo, ainda tabu em muitas comunidades de fé, o acesso ao conteúdo via literatura editorada também tem a vantagem de não ter de lidar com o eventual constrangimento gerado por interações face a face, como as entrevistas. Além disso, permite uma perspectiva mais ampla ao reunir diferentes editoras que podem apresentar incongruências teológico-doutrinárias. Assim, possibilita que se equacione, no estudo, a heterogeneidade inerente ao grupo dos evangélicos e os pontos de vista comuns desses crentes, garantindo mais controle nas generalizações.

Desse modo, em 2017, listei pouco mais de 100 obras literárias (vide lista ao final), destinadas a tratar de sexo, e lançadas pelas principais editoras evangélicas.⁷ Dos livros selecionados, foram escolhidas para a análise 38, que eram aqueles cujo discurso estabelecia, mais explicitamente, conexões e/ou definições sobre abuso, transgressão, perigo, risco e violência sexuais. Tais categorias foram retiradas da literatura que trata das práticas eróticas e suas fronteiras (em especial, Gregori 2014), significando as preocupações com as vivências que, em alguma medida, se opõem ou

tensionam o prazer, ou ainda, que ameaçam as normatividades sociais.⁸ Com o financiamento recebido, pude acessar e/ou adquirir 22 obras (várias estavam esgotadas e não era possível encontrar exemplar em sebos), das quais 15 foram analisadas para a presente comunicação.⁹ Em 2018, depois de um período de interrupção da pesquisa por licença-maternidade, contei com o árduo trabalho e a parceria dos coautores deste texto, sem os quais teria sido impossível a leitura minuciosa de todo o material e a finalização da escrita. Das 2.625 páginas lidas, selecionamos 892 excertos que analisamos com o ATLAS.ti – *software* que permitiu a codificação, a categorização e a elaboração das redes apresentadas mais adiante.

Discutindo religião e sexualidade: alguns apontamentos¹⁰

No texto de Weber (2002) “Rejeições religiosas do mundo e suas direções”, temos um primeiro quadro sociológico a respeito da relação entre religião e sexualidade. Para ele, havia um notório conflito entre a ética religiosa e a esfera erótica, que teve origem no culto à castidade dos sacerdotes e na subsequente regulação, pelas religiões proféticas, das relações sexuais em favor do matrimônio. Somou-se a isso o fato de ambas as esferas terem experimentado “fatores evolucionários” próprios, envolvendo a racionalização universal e a intelectualização da cultura.

O pesquisador Oscar Calavia Saez (2017), ainda que se valendo de referências bem distintas das de Weber, ilustrou algo compatível com a referida concepção, que, em um primeiro olhar, pode parecer muito abstrata. Saez mostrou que enquanto a sociedade romana da época do surgimento do cristianismo entendia a reprodução sexual como uma virtude, isto é, um dever, uma forma de dar continuidade aos genes da espécie humana, os Encratitas (grupo marginal anterior ao cristianismo, mas que teve sua faceta cristã nos primeiros séculos), ainda que minoritários e notadamente excêntricos, interpretaram a sexualidade como suja e associaram a reprodução com o primeiro pecado, que teria originado todo o mal. As ideias desse grupo foram incorporadas por muitos indivíduos, incluindo aqueles que os tinham como adversários. Mesmo banidos da ortodoxia, os Encratitas cooperaram para que a condenação da sexualidade formasse uma identidade entre os cristãos da mesma forma que os tabus alimentares conferiam especificidade aos judeus. Mas Saez ressalta que, enquanto judeus associavam o surgimento da sodomia e da bestialidade ao pecado de Adão e Eva, “apenas o cristianismo ensaiava a possibilidade de marcar como tabu a sexualidade por inteiro” (ibidem: 124).

A influência da religião cristã sobre o sexo se deu por séculos a fio a partir de inúmeras determinações de regras de conduta. A teóloga Uta Ranke-Heinemann (2019), no livro *Eunucos pelo reino de Deus*, mostra em pormenores a construção da preferência pelo celibato e pela abstinência por meio dos processos de rejeição ao prazer e ao casamento, que encontraram apoio na doutrina cristã da concepção virginal de Maria. Na pessoa de Jesus (melhor dizendo, naquilo que se interpretou de

sua trajetória), o prazer teria sido hostilizado, passando a ser evitado até mesmo no matrimônio instituído com fins de procriação. Mas a autora chama a atenção para o fato de essa rejeição ao corpo e seus prazeres não ser originária do cristianismo asceta e autocontrolado, mas, sim, ter sido um legado da própria Antiguidade, sobretudo com o estoicismo dos dois primeiros séculos depois de Cristo. Outro grupo que exerceu influência importante daquela época foi o dos médicos, que recomendava a abstinência – comportamento encapado pela Igreja Católica por séculos, até João Paulo II, que teria, para Ranke-Heinemann, reduzido “completamente a fé cristã ao credo do celibato” (ibidem: 7).

Pautando-se na história das mulheres no Brasil, reconstruída pela obra da historiadora Mary Del Priori, a pesquisadora Kelma Lima Cardoso Leite (2017) mostrou que entre os séculos XVI e XVIII, tanto a religião quanto a ciência consideravam o corpo feminino um palco nebuloso cujo desconhecimento colaborava para (re)produzir um imaginário simplista, que concebia o corpo feminino como aquilo que precisava ser fertilizado e, uma vez feito, abrigava o sagrado. No século XIX, a medicina e a ginecologia se desenvolveram reforçando a diferença entre os corpos masculino e feminino, e consolidando a “biologização” e a “psicologização” dessas diferenças (mulheres seriam pudorosas, sexualmente contidas, moderadas e até mesmo assexuais, enquanto aos homens caberia o desejo, a agressividade e a atividade). É nessa esteira que surge uma “protosexologia [que] produziu em seus discursos um mapa conceitual da categoria ‘perversão sexual’, a partir do qual foram especificados os desvios e os processos patológicos considerados degenerativos da espécie humana” (ibidem: 49). “[A] lista dos perversos incluía as mulheres pobres e mundanas: prostitutas, masturbadoras, homossexuais, criminosas, ninfomaníacas, neuróticas e histéricas. Tais figuras foram rotuladas também como hipersexuadas” (ibidem: 49).

Já com a Proclamação da República, no lugar da religião, foi principalmente a medicina, com base nas práticas higienistas, que passou a ocupar a interação com o Estado. Recorrendo à literatura médica produzida no início do século, Leite (2017) demonstra a interpretação da ninfomania, da homossexualidade, do sexo oral, da bestialidade e da masturbação como distúrbios fisiológicos/psíquicos, ou seja, práticas lidas sob a ótica do binômio normalidade/doença. Apesar disso, nas décadas de 1920 e 1930, emergiu uma literatura questionadora da moral sexual. Mesmo assim, o movimento feminista da época guardava certa consonância com a ordem social vigente, fazendo de suas reivindicações não o desenquadramento dessas práticas enquanto desvios, mas a participação das mulheres no mercado de trabalho e a igualdade política entre os sexos (ibidem).

No Brasil, mudanças expressivas nas sexualidades ocorreram por duas frentes. De um lado, pela influência da sexologia estadunidense desenvolvida na década de 1950. Pesquisas do biólogo Alfred Kinsey retiravam de certos comportamentos, como o sexo pré-material e extramarital, a homossexualidade e a masturbação, o caráter patológico anteriormente conferido. De outro lado, houve forte influência das conquistas

tas alcançadas pelos movimentos feministas que atuaram durante o governo Geisel (meados dos anos 1970), buscando liberdade sexual. Nas últimas décadas do século XX, defende Leite (2017), houve uma espécie de democracia sexual caracterizada: pelo dever de produzir orgasmo no parceiro; pelo direito à felicidade; pelas relações sexuais ponderadas por suas vantagens e desvantagens; pela aceitação da opinião de especialistas (como psicólogos e sexólogos); e pela liberdade de expressão sexual.

Nesse sentido, cabe ressaltar que as dinâmicas do campo da sexualidade também exerceram significativa influência sobre as perspectivas de fé. Em dossiê publicado pela revista *Estudos Feministas* (Rosado-Nunes 2005), registrou-se mudança na subjetividade masculina e feminina no pentecostalismo, discussões no catolicismo argentino e brasileiro em favor dos direitos humanos (em particular das mulheres), além de um comportamento menos tradicional/convencional quanto aos gêneros e às sexualidades nos cultos afro-brasileiros. O livro resultante do encontro ocorrido no Rio de Janeiro, em 2003, e intitulado *Religião e Sexualidade: convicções e responsabilidades* (Giumbelli 2005), também mostra exemplos das adaptações, dentre os quais se destacam: igrejas cristãs que se recusam a conceber a homossexualidade como pecado (a despeito da predominância de psicólogos e organizações religiosas que insistem na “cura” de gays e lésbicas) e terreiros que apoiam diversos sujeitos sexuais e trabalham na prevenção contra a Aids.

Se, portanto, a religião promove “pedagogias do corpo” (Shilling & Mellor 2007), isto é, disposições, crenças e técnicas corporais que delimitam a sexualidade e os prazeres, as mudanças sociais na esfera erótica também influenciam o âmbito da fé e os consequentes ensinamentos que dele advêm.

Em relação ao grupo de evangélicos, objeto da nossa pesquisa, cabe sublinhar as modificações sexuais já observadas em estudos anteriores. Segundo Machado (1995), até a década de 1950, prevalecia, entre esses religiosos, como próprio à tradição sexual cristã, uma visão negativa do corpo e da sexualidade. Condenava-se o desejo, atrelava-se o sexo à procriação e não ao prazer, e enfatizava-se a capacidade fisiológica das mulheres em ter filhos, o que cooperava para a inferiorização delas em relação aos homens. Com o tempo, houve uma tendência à liberalização dos costumes (particularmente em relação ao vestuário e ao cabelo das mulheres), e as igrejas acentuaram a oferta de orientações sobre sexualidade e reprodução por meio de palestras, vigílias, cultos temáticos, encontros de casais, cursos aos noivos e conversas informais. Assuntos como menstruação, masturbação, relações sexuais e métodos contraceptivos passaram a ser tratados pelas igrejas (Machado 1995).

As dificuldades sexuais enfrentadas, no entanto, foram frequentemente tidas como um problema das mulheres, reforçando o conformismo aos padrões estabelecidos pelos parceiros e a ideia de que as mulheres têm obrigações sexuais que devem cumprir (ibidem). A castidade até o casamento e a fidelidade, por sua vez, passaram a ser consideradas deveres de mulheres e homens, algo diferente da moral sexual brasileira, que controla o corpo feminino enquanto dá mais liberdade ao masculino (Mafra 1998).

Muitos dos comportamentos rotulados pelos evangélicos como desvios morais (traição, homossexualidade e sexo antes do casamento) foram associados à influência demoníaca, embora isso fosse menos frequente entre os setores médios (Machado 1995).

O uso de métodos contraceptivos, como a ingestão de pílulas e a esterilização (tanto masculina quanto feminina), mostrou-se expressivamente mais acentuado entre os evangélicos do que entre os católicos (ibidem). Entre os pentecostais¹¹ mais recentes, semelhantemente, passou a haver defesa do planejamento familiar, adesão a métodos contraceptivos e vinculação entre sexo e prazer (Mariano 2005). Igrejas, como a Universal do Reino de Deus e a Assembleia de Deus, ampliaram a participação feminina, passando a dar espaço, nas pautas abordadas, a assuntos como casamento, saúde da mulher, prostituição, adultério e homossexualidade (Machado 1999).

Uma análise da Igreja Batista da Lagoinha e das pregações da pastora belo-horizontina Ana Paula Valadão (Rosas e De Castro 2014; Rosas 2015) mostrou que a possibilidade do uso de métodos contraceptivos reforça o maior controle das mulheres sobre seus corpos, tendo em vista a rigidez e a contrição vividas pelos cristãos das décadas anteriores, mas, por outro lado, é só sobre o corpo feminino que recaem as restrições da natalidade por meio de instrumentos artificiais. Razoável alteração na masculinidade também é notada quando da valorização, nos homens, de atributos considerados da esfera feminina, tais como: gentileza, educação, generosidade, afetividade, delicadeza e cuidado. Para Valadão, todavia, e certamente para diversas outras pastoras e fiéis, o “corpo legítimo” permanece enquadrado dentro da obrigação da mulher de fazer sexo no casamento (ainda que com direito ao prazer), da fidelidade conjugal e da conservação de uma vaidade moderada (ibidem).

Sendo assim, a maior consideração sobre o ato sexual e a reinterpretação deste para além da reprodução não deixou de confiná-lo ao matrimônio e à heterossexualidade. Em pesquisa, Lorena Mochel Reis (2017) mostra, por exemplo, ao acompanhar uma “boutique sensual” localizada no Complexo do Alemão e que é frequentada pelo público evangélico, que se tenta criar um “erotismo gospel”, isto é, vincular às relações matrimoniais produtos eróticos sensuais (géis, perfumes, fantasias) em vez de produtos tidos como obscenos (como próteses, dildos etc.). Segundo a autora, tal movimento está alinhado ao que pode ser observado em diversos manuais de autoajuda norte-americanos que buscam santificar o prazer, enclausurando-o no casamento, e criando, assim, uma oposição entre sexo santificado e sexo profano, prazer lícito e prazer ilícito. Desse modo, o papel da religião em temas relacionados à sexualidade parece continuar orbitando majoritariamente em torno da vigilância, do condicionamento e da punição, conforme salientaram Toldy e Santos (2016).

Nota-se, em suma, que uma parte da fé evangélica continua a produzir uma moralidade restritiva do corpo e de suas expressões e desejos, e que esses cerceamentos se espriam. A capacidade de ingerência dos líderes religiosos no cenário político atual, como se viu nas audiências de votação de projetos de lei relativos à criminalização da LGBTfobia e do Estatuto da Família, por exemplo, ilustra o combate vigoroso

a concepções não tradicionais de sexualidade e a políticas públicas embasadas por sua regulação jurídica, conforme tratado por Machado (2017).

Portanto, considerar o que os religiosos entendem por “desvio” sexual, isto é, práticas “suas”, transtornos que precisam ser combatidos, significa problematizar até onde vai a limitação ou a concessão dos direitos. Na recente literatura que trata da pornografia, observa-se um olhar mais receptivo às práticas eróticas, diferente das críticas sustentadas pelo feminismo radical originado nos Estados Unidos na década de 1960 e por seus movimentos correlatos (Gregori 2004). Articulam-se os binômios “normalidade e abuso”, “respeito e violência”, “prazer e perigo”, abrindo a possibilidade de se transgredir as normas reprodutivas do sexo, ao mesmo tempo em que se teria em mente os riscos de sofrimento, estupro e exploração, contudo, nuancando debates como o das diversas violências. Segundo Piscitelli *et al.* (2004), o feminismo radical foi criticado como moralista e conservador na medida em que rejeitou a pornografia e as relações de dominação/subordinação de determinadas práticas eróticas. Na luta contra ele, abriu-se mais espaço para a vivência de certos prazeres, mas há quem argumente que isso implicou a desconsideração, ou até a naturalização, de certas violências.

No caso dos evangélicos, as proibições acabam retomando discussões caras ao âmbito da proteção dos corpos, contudo, há bastante rigidez quanto ao que é permitido em relação ao sexo, reforçando ainda mais as convenções tradicionais impostas a esse tipo de experiência

Metodologia de análise das obras literárias

Para o presente trabalho, mapeamos o vasto conjunto de livros comercializados quanto ao tema. Como resultado, foram computadas mais de 100 obras, sem se considerar a literatura sobre casamento e família, que também discorre sobre sexo, mas, muitas vezes, em menor medida. Para tornar factível a leitura e o estudo dos textos, o recorte escolhido foi tratar dos livros cujo título e/ou a sinopse deixassem claro o acionamento de uma visão “negativa” sobre o sexo. Já se observa, como apontado por diversos estudos (vide, por exemplo, Rosas 2018) que, entre esses religiosos, o prazer que o sexo proporciona aparece como algo legítimo e até incentivado, desde que restrito à heterossexualidade, ao ato vaginal, ao casamento e à monogamia. No entanto, levamos em conta os livros que mais dialogavam com noções, tais como: abuso, transgressão, perigo, risco e violência; que aparecem como opositoras da ideia, compartilhada pela maioria da população, de um “prazer legítimo” (Gregori 2004; 2014).

Nesse sentido, é imprescindível atentar para o caráter normativo e essencializado das narrativas religiosas. Entre os livros, foram 38 os que abordaram o sexo associando-o a: tentação, imoralidade, perversão, pecado, engano, compulsão, idolatria, toxina e segredo/mistério – associações que percebemos quando da classificação inicial. Outras surgiram no decorrer da análise. Todos os trechos que identificamos como mais relevantes no processo das leituras foram transpostos para um documento do Word.

Realizamos uma leitura cuidadosa do material selecionado, identificando os agentes de fala, as características (reais ou presumidas) do público-alvo, o contexto e a apresentação dos padrões discursivos (relativos a ideologias, poderes e instituições) (Flick 2009). Nessa etapa, optamos pela análise do conjunto de ideias encontradas nos textos.¹²

Em seguida, agregamos todos os trechos no ATLAS.ti, por meio do qual pudemos ler todos os 892 excertos retirados das obras, que são chamados, segundo a linguagem do programa, de citações. Das citações, cada ideia que julgamos importante foi extraída como um código, e estes foram agrupados posteriormente como categorias (ou famílias). A conexão das categorias nos levou aos enunciados teóricos. Criamos 124 códigos e deles derivamos oito categorias com as quais trabalhamos. São elas: “conjugalidade legítima”, “sexualização da sociedade”, “discurso psicologizante”, “batalha espiritual”, “práticas sexuais proibidas”, “vício sexual”, “consequências” e “reformação”. Elas estão representadas pelos gráficos (redes) que seguem na próxima seção. Por meio das inferências feitas pelos pesquisadores, o programa mecanizou: as tarefas de arquivamento dos dados; as relações de comentários (memos) que se ligam a palavras-índices, definindo links entre elas; a utilização de filtros que viabilizaram, a partir de ferramentas de busca, a localização de códigos, excertos e categorias, bem como suas relações (Bauer & Gaskell 2002); além de possibilitar a geração de relatórios finais (Muhr 1991).

Lançando mão desses recursos, fomos capazes de resumir e quantificar as mensagens, levando em conta o contexto em que foram criadas ou apresentadas nos textos (Neuendorf 2002:10). Diversamente da Análise Documental e Linguística, o método em questão considerou os significados, investigando a recorrência com que argumentos, códigos e categorias foram utilizados, bem como a forma como estavam distribuídos nas obras (Bardin 2011:49). O processo de codificação dos dados no software se dividiu em três fases. Primeiramente, comparamos, conceituamos e categorizamos. Em seguida, examinamos as relações entre as categorias para, finalmente, refinarmos todo o processo, identificando a categoria central da teoria, com a qual todas as outras se relacionavam no bojo da análise qualitativa.

Resultados e interpretações¹³

Questões relacionadas aos arranjos conjugais foram predominantes nos textos analisados e, por isso, nossa abordagem tem esse ponto de partida. As sexualidades proibidas pelos evangélicos¹⁴ são contrapostas a uma conjugalidade de base heterossexual e monogâmica (à qual chamamos “legítima”), que conduz à formação da família cristã, supostamente o plano de Deus desde a criação. Como evidenciado na rede a seguir, a partir desse laço conjugal, a sexualidade aparece vinculada ao amor, à intimidade, à pureza e à reciprocidade, e o desejo torna-se algo aceitável e até estimulado, mas desde que não esteja associado à violência, à dor e ao egoísmo. Isso dista consideravelmente da associação entre sexualidade e pecado, sujeira, que aparece no cristianismo antigo (Saez 2017) e da insistência católica em acentuar a tensão entre sexo e religião, como

se vê na defesa da castidade até os dias de hoje. Condicionada ao matrimônio, essa possibilidade de prazer, que já fora observada em estudos anteriores (Machado 1995; Mariano 2005), parece se alinhar ao que Leite (2017) postulou como a democracia sexual atual, embora isso não implique ampla liberdade de expressões e desejos.

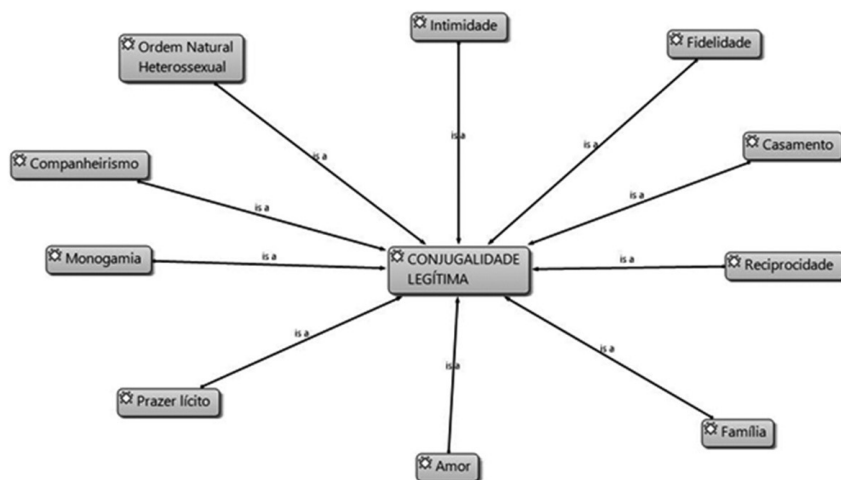


Figura 1 - Conjugalidade legítima

Fonte: Elaborado pelos autores.

Aparece assim em dois livros:

Para muitos, o forte impulso dos seres humanos por sexo se torna a paixão predominante em suas vidas. Mantido no seu devido lugar, o sexo tem um significado maravilhoso para duas pessoas casadas a fim de que possam expressar fisicamente seu amor uma pela outra. (Gallagher 2000:19)

Há uma ressalva: o êxtase sexual é insuficiente quando há divórcio entre o prazer físico e conexão emocional, como quando nós nos esforçamos para atingir, egoisticamente, o orgasmo através da pornografia e da masturbação, em vez de cultivar o êxtase sexual com nosso cônjuge. Amor e intimidade no relacionamento são o fermento que permite que nosso êxtase sexual se eleve ao seu mais alto nível. (Ethridge 2014:107)

A “conjugalidade legítima” surge como alvo de ataques do que denominamos, ao longo da codificação, de “sexualização da sociedade”, isto é, uma perturbação que subverteria os indivíduos e suas relações por meio de: disseminação de conteúdo

pornográfico; pressão dos amigos; sexualização das crianças; e propagação de uma cultura de permissividade sexual. Um trecho pode ser utilizado como ilustrador disso:

Desde a infância, a maneira como a criança se relaciona com o sexo é moldada pela música, por vídeos, revistas, *outdoors*, filmes, televisão, colegas e atividades educacionais – sendo que a maioria desses canais apresenta o sexo com algo bem diferente do que Deus planejou para o casamento. (Cole 2010:9)

Essa “sexualização da sociedade” levaria a modalidades de sexo rejeitadas em absoluto nas obras que analisamos. Elas estão apresentadas na rede a seguir. É importante frisar que são abrigadas, pelos religiosos, sob um mesmo guarda-chuva, tanto práticas já parcialmente absorvidas pela sociedade mais ampla, como o voyerismo, o sexo anal, o serviço sexual e a infidelidade, quanto outras, como o estupro, a pedofilia e a necrofilia. A homossexualidade, por sua vez, também é considerada um desvio, e este, de difícil retrocesso:

O abuso do mesmo sexo provoca confusão sobre a identidade sexual da vítima. Ele foi parceiro sexual de um homem, o que isso fez dele? Uma mulher? Um homossexual? Menos que um ser humano? Uma vez que os instintos, sentimentos e hormônios envolvidos na prática da homossexualidade foram ativados na vida da pessoa, muito raramente ela será livre desse tipo de tentação pelo restante da sua vida. (Eckhardt 2017:50)



Figura 2 - Práticas sexuais proibidas

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto às práticas proibidas, um ponto-chave se refere ao debate sobre a violência, trazido na medida em que são tratados o uso da pornografia e a consequente adesão daquele que assiste (via masturbação) a modalidades de sexo que podem expressar ausência de consentimento físico e emocional. As obras demonstram clara preocupação com os indivíduos que aderem a tais práticas por meio de suas fantasias. Outro eixo no qual se discute a violência é quando se consideram os casos de incestos. É dito assim, por exemplo:

O incesto é o abuso sexual que ocorre entre membros da família e parentes próximos. Quase 80% de todo abuso sexual é incesto. Envolve a exposição de órgãos sexuais de um adulto a uma criança, beijos, bolinação, sexo oral, coito propriamente dito. Embora sejam muitas as ações consideradas “abuso sexual”, o incesto é sempre um ato de violência e sempre retrata a situação na qual uma pessoa é poderosa e a outra é fraca. O incesto é sempre um crime. (Kathleen 2004:7)

Quanto à fornicação (carícias ou sexo antes do casamento), não observamos associação com abusos e afins. Notou-se, ainda, que a infidelidade, por exemplo, figura como transgressão, assim como o incesto e o estupro, estes que podem ser caracterizados, respectivamente, como impeditivo matrimonial, pelo Código Civil, e como crime, pelo Código Penal.¹⁵

A preocupação com a violência deve ser entendida à luz do cenário traçado por Maria Filomena Gregori. A autora argumenta que, quase até os anos 1980, houve consenso nas várias vertentes do feminismo no que se referia à “relação de força, de subjuogo e de dor”, “estupro, abuso, espancamento” (Gregori 2003:94; Gregori 2004:238) – isto é, violência sexual, embora se reforçasse com isso a tipologia vítima x algoz dentro de um quadro cuja referência era a opressão patriarcal. Mas uma tensão importante emergiu nos EUA, quando o feminismo dos anos 1970, em contexto de insurgência de um conservadorismo de direita, republicano e que visava alterar leis que restringissem certas liberdades sexuais e reprodutivas (criminalizando o aborto, por exemplo), fez surgir um posicionamento contra a pornografia e uma visão de que a heterossexualidade põe homens em situação de dominação e mulheres em submissão. A pornografia representaria, portanto, a violência exercida contra a mulher. Conta a autora que esse movimento também se posicionava contrário ao sadomasoquismo, à prostituição, à pedofilia e à promiscuidade sexual. Foi na década seguinte, em oposição às feministas radicais, que se uniram feministas lésbicas e heterossexuais, que trouxeram à discussão a dimensão do prazer consensuado entre o casal. Segundo Gregori, este se trata de uma conjugação entre prazer e perigo, constituinte da liberdade das mulheres.

O problema dessa mudança de perspectiva é que:

Se as análises feministas recentes são vigorosas na crítica às visões monolíticas, elas têm incorrido em um deslocamento: estão dirigidas preferencialmente a um tipo de abordagem que tenta mostrar como a violência é discursivamente construída, abandonando os aspectos materiais e empíricos que constituem as relações de violência. (Gregori 2004:93).

A problematização da violência teria ficado, portanto, concentrada no feminismo radical.

O que podemos dizer a respeito dos evangélicos que pesquisamos é que, mesmo recuperando a dimensão prática da violência nos discursos literários, o aparente alinhamento à visão feminista radical da década de 1970 não incorpora quaisquer liberdades para as mulheres. Ao não questionar o patriarcado e restringir a sexualidade e o prazer ao casamento heterossexual e fiel, parece, ao contrário, dar um passo ainda mais para trás.

Para além desse debate, olhando de maneira mais geral os livros que estudamos, identificamos principalmente dois tipos de discursos. O primeiro chamamos de “psicologizante”. Classificamos, assim, vários trechos que usam termos ou que fazem referência a expressões decorrentes do âmbito da psicologia e/ou que são facilmente encontradas em manuais de autoajuda, escritos por indivíduos de formações das mais diversas: compulsão, (co)dependência, autoaceitação, compensação, complexo, distúrbios mentais, necessidades/cura emocional. Percebemos que os livros com essa tônica traziam recorrentemente temáticas como a da fantasia e a da infidelidade, como mostra o trecho que segue:

Portanto, os futuros desejos emocionais pelo conforto e satisfação podem, naturalmente, resultar em um enorme desejo de voltar à imagem da mama. Esse desejo é o que leva muitos a se distraírem – vendo pornografia, visitando bares de *topless* e clubes de *strip-tease*, em busca de uma prostituta, de um relacionamento sexual, ou de uma parceira lésbica. (Ethridge 2014:26)

Essas obras associam o surgimento das sexualidades “ilegítimas” a distúrbios emocionais, traumas de infância, famílias disfuncionais, crises existenciais e de identidade. Tais condições seriam causadas pela sexualização da sociedade, e seriam responsáveis pela referida subversão de uma pretensa ordem natural dos indivíduos e das conjugalidades. Nesse sentido, a figura do homossexual teria surgido como uma disfunção emocional na infância do indivíduo, causada principalmente por abusos sexuais, ausência de uma figura paterna e alteração dos papéis de gênero dos pais (mãe masculinizada e pai feminilizado).¹⁶

Nomeamos o segundo discurso de “batalha espiritual”, dado que atribui o surgimento das sexualidades a que se rejeita à atuação de forças malignas que aprovei-

tam da vulnerabilidade espiritual causada pela sexualização da sociedade. O consumo de pornografia, a masturbação, a prostituição e as fantasias teriam sua origem em entidades sobrenaturais que, ao perceberem a fraqueza espiritual de certo indivíduo, se apossariam dele e procurariam destruir seu casamento, sua vida pessoal e suas finanças. Um exemplo de trecho desse tipo:

Eles estavam imersos em coisas terríveis: homossexualismo, lesbianismo, sexo com animais, atividade sexual diante dos ídolos. Eles tinham toda forma de perversão sexual em ação. Homens, mulheres e crianças adoravam e serviam a espíritos demoníacos. (Angelo 2010:32)

Os livros redigidos por mulheres apresentam 79% de argumentos codificados como “discurso psicologizante” e 21% de trechos rotulados como “batalha espiritual”. Já nos livros redigidos por homens, a proporção da “batalha espiritual” é de 76%, enquanto o “discurso psicologizante” tem 24% de incidência. Uma possível interpretação para tal variação é que, tradicionalmente, o campo profissional que lida com aspectos sociais e culturais do comportamento sexual, da educação e da saúde sexual do casal tem como base a psicologia, e é composto majoritariamente por mulheres (Russo 2013:190).

Podemos afirmar ainda que os livros defendem que adotar as práticas proibidas leva ao sofrimento, à vergonha, à culpa, à degradação física e moral e à crise nos relacionamentos conjugais, como é demonstrado a seguir:

Aqueles que se tornaram estranhos na prática do pecado sexual – mesmo não passando de masturbação e/ou pornografia – estão, na verdade, viciados em uma complexa rede de ações. Tudo começa na tentação, penetra na rotina particular da pessoa, culmina no ato em si e termina com consequências prolongadas e inevitáveis. (Gallagher 2000:63)

As práticas “desviantes” estariam todas associadas, interligadas, como evidenciado anteriormente, compondo, assim, um espectro de vícios no qual se pode transitar.

A literatura dos religiosos sugere que, uma vez que se inicie o caminho por algum dos desvios sexuais, dá-se início a um processo paulatino de degradação e de corrosão do indivíduo, que pode implicar outros comportamentos moralmente reprovados. É dito assim: “o pecado é sempre gradual. (...) Se você der um centímetro, logo ele procura tomar um quilômetro” (Challies 2011:25). Eis o caráter processual do vício. Selecionamos alguns dos trechos que evidenciam isso:

O vício sexual é uma doença progressiva. A lei do pouco retorno faz o viciado aumentar os estímulos para obter a mesma satisfação. É comum para um viciado confessar seu comportamento menos ofensivo e depois

divulgar mais outras atitudes, dependendo da reação que ele percebe. (Miller 2005: 92)

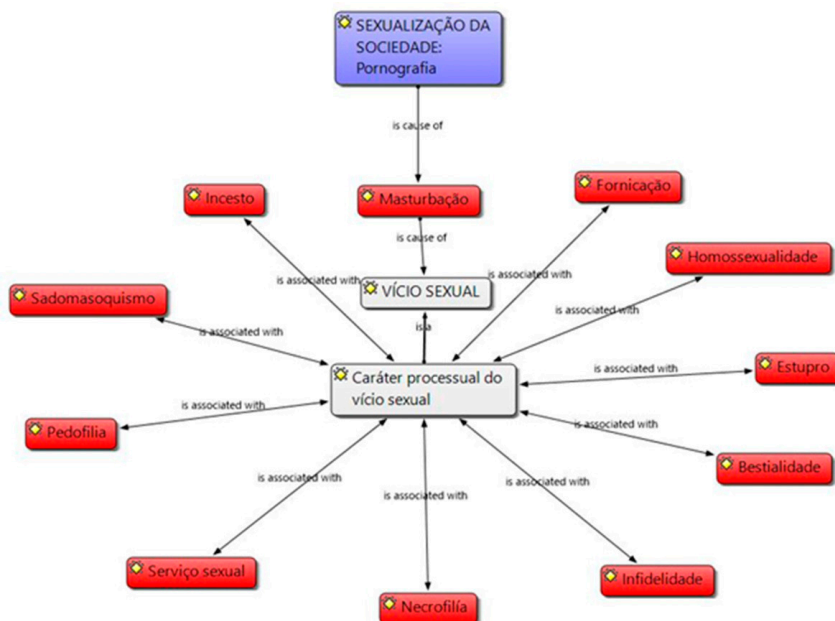


Figura 3 - Caráter processual do vício
Fonte: Elaborado pelos autores

A pornografia apenas o motivou a exigir mais. Para manter o apetite insaciável dele, envolvemo-nos sexualmente com outras pessoas. A única maneira de administrar a perda total da minha dignidade e do respeito por mim mesma foi afogar-me nas drogas e no álcool. Tornei-me viciada em meta-anfetamina. (Gallagher 2005:25)

A pornografia parece ser altamente capaz de produzir dependência, criando na mente imagens que se recusam a sair e que, muitas vezes, deixam a pessoa com desejo insaciável por mais. E a pessoa afetada não precisa ir longe para encontrar mais. A sensualidade conduz a problemas como a masturbação compulsiva, a fornicação, o adultério e uma série de outras coisas. (Angelo 2012:44)

Considerando que todos os tipos de sentimentos e sexualidades, salvo a heteroafetividade, não estariam inscritos na natureza das pessoas, mas seriam comportamentos adotados, os autores apresentam possibilidades de recuperação dos indivíduos. Dizem que aqueles que “substituem o ciclo do pecado sexual pelo ciclo da

dependência crescente em Deus poderão, verdadeiramente, estarem a salvo, saudáveis e livres do pecado sexual” (Earle Jr. & Laaser 2016:16). A esse processo de restauração demos o nome de “Reformação”.

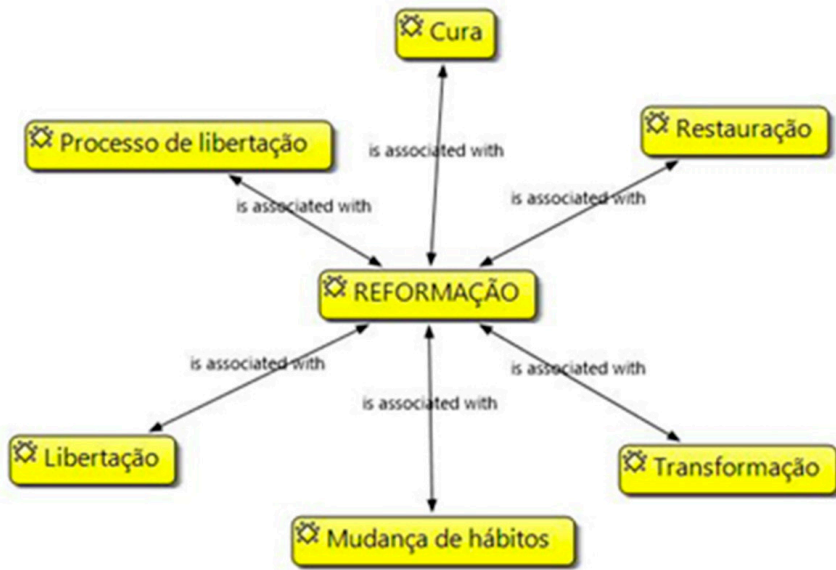


Figura 4 - Reformação
Fonte: Elaborado pelos autores.

É dito:

No entanto, Deus quase sempre lida com os que estão no pecado sexual por meio de um processo gradual e bem-organizado de transformação da pessoa em uma nova criatura. Em todos os meus anos aconselhando viciados sexuais, posso contar com os dedos de uma mão aqueles que foram libertos instantaneamente. (Gallagher 2000:93)

Por isso, digo: andem no Espírito e de modo nenhum satisfarão os desejos da carne (Gálatas 5:16). Depois de lidar com milhares de cristãos em pecado sexual (incluindo muitos pastores), ainda não encontrei prova alguma que conteste essa declaração. Um homem pode procurar psicólogos, grupos de apoio ou ministérios de libertação. Pode receber a oração de um evangelista famoso ou se internar em uma clínica para viciados sexuais, mas, se quiser vencer mesmo a prática do pecado, deverá aprender a andar no Espírito. (Earle Jr. & Laaser 2016:177)

Logo, assim como o vício é tido como um processo gradativo de destruição moral do indivíduo, a cura oferecida também obedece à mesma lógica, podendo acontecer aos poucos. A liberdade que se propõe, no entanto, pressupõe que aqueles que têm comportamento “desviante” experimentam considerável mal-estar, não sendo questionado que esse incômodo pode ter origem ou ser reforçado pelos próprios parâmetros impostos pela religião.

O discurso evangélico que estudamos lembra a literatura médica retrógrada do início do século (Leite 2017), evidenciando a atuação crônica e ainda presente da religião como condicionante da sexualidade humana (Toldy e Santos 2016). Enquanto o feminismo, sobretudo da década de 1980 em diante, reivindicou a liberdade dos prazeres, as obras produzidas pelos fiéis podem ser vistas como uma resposta conservadora de fôlego a essa e a outras pautas, como a dos direitos das minorias (Machado 2017), funcionando em consonância com conservadorismos extremos, como o incitado pelo governo do atual presidente Jair Bolsonaro. A feminista Angela McRobbie (2008) traça o quadro mais amplo do pós-feminismo dos dias de hoje, a saber, o de um cenário no qual predomina a ideia de que a igualdade buscada pelas mulheres já foi alcançada, portanto, não é mais preciso lutar por ela.

Conclusão

Figari e Díaz-Benítez (2009), inspirados em Michel Foucault e Judith Butler, podem ser evocados para nos permitir sublinhar que a importância dos discursos está no modo como eles “inventam” os objetos que regulam. De acordo com os autores:

Não existiriam homossexuais antes das regulações culturais, médicas e jurídicas que os avaliassem como seres abjetos. (...) É no momento da geração da matriz heterossexual, da sexualidade “normal”, que se definem as sexualidades periféricas como seu correlato abjeto. (ibidem:22)

Essa é a trilha que orientou a presente investigação.

Pelo exposto na seção anterior, podemos finalizar essa comunicação dizendo que, nos manuais que pesquisamos, a regulação da sexualidade continua confinando o direito ao prazer à heteroafetividade e ao matrimônio; e, mais do que isso, reprime toda forma de satisfação sexual individual, como por meio da masturbação e do uso da pornografia. Como já evidenciado por outros pesquisadores anteriores, a castidade e a fidelidade continuam sendo exigidas das mulheres e dos homens. Mas a homossexualidade, por sua vez, é tratada como um comportamento repugnante a ser combatido, assim como o incesto, o estupro, a fornicação e a masturbação. Contudo, se enquanto nos livros que lemos notamos essa equivalência, devemos deixar claro que estas duas últimas práticas, para muitos evangélicos, são um pouco mais tolera-

das. Ainda assim, o que importa frisar é a crença na transformação comportamental e emocional (e sua dimensão de processo), que se vale, em muitos dos livros, além da “batalha espiritual”, de um “discurso psicologizante”.

Desse modo, ao pôr em curso classificações restritivas sobre determinadas sexualidades, patologizando-as e demonizando-as, vemos serem construídas noções de diferença sobre as quais grandes desigualdades podem se enraizar. Podemos dizer que os evangélicos estariam contribuindo, ainda que não intencionalmente, para obstruir a luta pelos direitos (de prostitutas, gays, lésbicas, transexuais, mulheres que desejam o aborto e pessoas que buscam liberdade em seus prazeres). E podemos afirmar ainda que isso é feito por meio do acionamento de uma chave que tem legitimidade na sociedade abrangente – amor, fidelidade, reciprocidade e intimidade não são referenciais desejados apenas pelos evangélicos, mas pela maioria da população.

Ao classificarem determinadas práticas sexuais como proibidas, “desviantes”, “ilegítimas”, os evangélicos parecem não perder de vista a questão da violência, que fora, na conjugação entre prazer e perigo, de certo modo banalizada por grupos mais progressistas. No entanto, o preço disso é alto; afinal, defende-se que, uma vez que se começa no caminho do sexo “degradante”, o efeito é destruidor.

Referências bibliográficas

- BARDIN, Laurence. (2011), *Análise de conteúdo*. Coimbra: Grupo Almedina.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (2002), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- BONFIM FILHO, Maurício Madeira et al. (2010), “Sexualidade e religião: a prática sexual na perspectiva das denominações protestantes”. *Seminário sobre a Economia Mineira*, XIV, 2010, Diamantina. Anais eletrônicos... Belo Horizonte: UFMG. Disponível em: <https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2010/D10A041.pdf>. Acesso em: 05 de dezembro de 2019.
- CAPPELE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; GONÇALVES, Carlos Alberto. (2003), “Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais”. *Organizações rurais & agroindustriais*, vol. 5, nº 1: s/p.
- EARLE JR, Ralph H.; LAASER, Mark R. (2016), *A armadilha da pornografia: orientações para pastores e leigos acerca do vício sexual*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 6ª ed.
- ETHRIDGE, Shannon. (2012), *A ilusão dos 50 Tons*. Rio de Janeiro: Vida Melhor Editora S.A.
- FIGARI, Carlos; DÍAZ-BENÍTEZ, María E. (2009), “Introdução. Sexualidades que importam: entre a perversão e a dissidência”. In: C. Figari; M. E. Díaz-Benítez (ed.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond: 21-29.
- FLICK, Uwe. (2009), *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- GALLAGHER, Kathy. (2005), *Quando o pecado secreto dele despedaça o seu coração – cartas para esposas feridas*. Rio de Janeiro: Graça.
- GALLAGHER, Steve. (2005), *Guia bíblico para o aconselhamento de compulsivos por sexo*. Rio de Janeiro: Graça.
- GIUMBELLI, Emerson. (2005), *Religião e sexualidade: convicções e responsabilidades*. Rio de Janeiro: Garamond.

- GOUVÊA, Helton Angelo de. (2010), *Perversão Sexual – proteja a si mesmo e a sua família!* Curitiba: A.D. Santos Editora, 2ª ed.
- GREGORI, Maria Filomena. (2004), “Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M”. In: A. Piscitelli, et al. (ed.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond: 235-255.
- GREGORI, Maria Filomena. (2014), “Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes”. *Cadernos Pagu*, vol. 42: 47-74.
- HEILBORN, Maria Luiza (1999), *Corpos na cidade: sedução e sexualidade*. In: G. Velho (ed.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 98-108.
- IBGE. Censos demográficos. (2010), Rio de Janeiro: IBGE.
- LEITE, Kelma Lima Cardoso. (2017), “Implicações da moral religiosa e dos pressupostos científicos na construção das representações do corpo e da sexualidade femininos no Brasil”. *Cadernos Pagu*: 49.
- LEWGOY, Bernardo. (2004), “O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos”. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, vol. 6, nº 6: 51-69.
- LEWGOY, Bernardo. (2009), “Do sacrifício ao bem-estar: auto-ajuda, sexualidade e psicologia na recente literatura evangélica”. In: A. C. Isaia (ed.). *Crenças, sacralidades e religiosidades: entre o consentido e o marginal*. Florianópolis: Insular: 181-196.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. (1995), “Corpo e moralidade sexual em grupos religiosos”. *Revista de Estudos Feministas*, vol. 3, nº 1: 7-27.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. (1999), “SOS Mulher – a identidade feminina na mídia pentecostal”. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, vol. 1, nº 1: 167-188.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. (2017), “Pentecostais, sexualidade e família no Congresso Nacional”. *Horizontes Antropológicos*, ano 23, nº 47: 351-380.
- MAFRA, Clara. (1998), “Gênero e estilo eclesial entre os evangélicos”. In: R. C. Fernandes, et al. (ed.). *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Muad: 224-250.
- MARIANO, Ricardo. (2005), *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2ª ed.
- MCRORBIE, Angela. (2008), *The Aftermath of Feminism*. Londres: Sage.
- MILLER, Molly Ann. (2012), *Meu Marido tem um Segredo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 3ª ed.
- MUHR, Thomas. (1991), “ATLAS/ti: A Prototype for the Support of Text Interpretation”. *Qualitative Sociology*, vol. 14, nº 4: 349-371.
- NEUENDORFF, Kimberly A. (2002), *The Content Analysis Guidebook*. Ohio: Cleveland State University.
- PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. (2004), “Apresentação. Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras”. In: A. Piscitelli et al. (ed.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond: 9-35.
- RANKE-HEINEMANN, Uta. (2019), *Eunucos pelo reino de Deus: Igreja Católica e sexualidade – de Jesus a Bento XVI*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.
- REIS, Lorena Mochel. (2017), “Erotismo gospel: mercados e limites da sexualidade entre evangélicas(os) no Complexo do Alemão”. *Religião e Sociedade*, vol. 37, n. 1: 65-84.
- ROLIM, Francisco Catarxo. (1985), *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes.
- ROSADO-NUNES, Maria José. (2005), *Gênero e religião*. *Revista de Estudos Feministas*, vol. 13, nº 2: 363-365.
- ROSAS, Nina. (2015), *Cultura evangélica e “dominação” do Brasil: música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono*. Belo Horizonte: Tese de doutorado em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais.
- ROSAS, Nina. (2018) “Heterossexualidade e homossexualidade: prescrições sobre o uso do corpo das mulheres evangélicas”. *Religião e Sociedade*, vol. 38, nº 2: 176-197.

- ROSAS, Nina; DE CASTRO, Cristina Maria (2014), "Charismatic Protestantism, Gender and Sexuality in Brazil". In: H. Shipley, et al. (ed.). *Globalized Religion and Sexual Identity: Contexts, Contastations, Voices*. Leiden: Brill: 217-235.
- RUSSO, Jane A. (2013), "A terceira onda sexológica: medicina sexual e farmacologização da sexualidade". *Sexualidad, Salud y Sociedad*, nº. 14: 172-194.
- SAEZ, Oscar Calavia. (2017), "Contra naturam, contra connubium: a sexualidade no cristianismo". *Religião e Sociedade*, vol. 37, nº 1: 122-143.
- SHILLING, Cris; MELLOR, Phillip. (2007), "Cultures of Embodied Experience: Technology, Religion and Body Pedagogics". *Sociological Review*, vol. 55, nº 3: 531-549.
- TOLDY, Teresa Martinho; SANTOS, Ana Cristina. (2016), "Religião, gênero e cidadania sexual: uma introdução". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 110: 43-50.
- WEBER, Max. (2002), *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 5ª ed.

Sites consultados:

- JOSÉ NABUCO FILHO. *Incesto no Brasil é crime?* Disponível em: <http://josenabucofilho.com.br/incesto/>. Acesso em: 13 de dezembro de 2019.
- YOUTUBE. *O que pode e o que NÃO pode - AMOR e SEXO #3 - Dicas para Casais*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XXErcAGJNGw>. Acesso em 04 de outubro de 2019.

Apêndice – Lista completa das obras¹⁷

Editora	Obra	Autor(es)	Data de publicação
Abba Press	Homos-sexus: o que a Bíblia diz sobre a homossexualidade	Jease Costa	2011
	Aconselhando cristãos em luta com a homossexualidade	Débora Fonseca e Cunha	2012
	Caminho da libertação: como vencer os maus pensamentos, carências afetivas, fantasias e compulsões sexuais	Neil T. Anderson	1996
AD Santos	O cristão e o prazer sexual: respostas que você gostaria de conhecer, mas nunca soube a quem perguntar	Calvino Coutinho Fernandes	2012
	Perversão sexual: proteja a si mesmo e a sua família	Helton Angelo de Gouvêa	2010

	Ministrando libertação dos pecados sexuais: uma proposta bíblica para a restauração do indivíduo e de toda a família	Claudio Almeida	2016
Basileia	Pornografia mata	Lucinho Barreto	2018
Bello Publicações	A linguagem do sexo: experimentando a beleza da intimidade sexual	Dr. Gary Smalley; Ted Cunningham	2011
Betânia	Respostas francas sobre o sexo no casamento	Tim e Beverly LaHaye	2019
	O que o ato conjugal significa para o homem	Tim e Beverly LaHaye	2019
	O que o ato conjugal significa para a mulher	Tim e Beverly LaHaye	2019
	O ato conjugal	Tim e Beverly LaHaye	2018
Bompastor	Perguntas que as mulheres fazem na intimidade	H. Norman Whright	2009
BV Books	Revolução moral: a verdade nua e crua sobre a pureza sexual	Kris Valloton e Jason Valloton	2014
Central Gospel	O cristão e a sexualidade	Silas Malafaia	2019
	Sexualidade sem censura	Cláudio Duarte	2017
	Orientações sobre sexualidade infantil: limites e desafios	Guilherme Schelb	2016
	Nascido gay? Existem evidências científicas para a homossexualidade?	Dr. Joh S. H. Tay	2011
	A intimidade de um ex-travesti	Joide Miranda	2013

	Cansei de ser gay: na minha fraqueza ele me fez forte	Juliana Ferron	2016
Coisas de crente	Vamos falar daquilo?	Cláudio Duarte	2018
Concórdia	Amor, sexo e Deus: educação sexual cristã para jovens	Bill Ameiss; Jane Graver	2004
	Sexualidade humana: uma perspectiva cristã: como apreciar sua sexualidade e falar sobre sexo com o seu filho	Lenore Buth	2006
CPAD	Sexo? Agora não, obrigado!	Ian Gregory	2012
	Casamento, divórcio e sexo à luz da Bíblia	Ezequias Soares	2011
	Sexo, romance e a glória de Deus	C.J Mahaney	2006
	Uma palavra sobre sexo, drogas & rock n' roll	Jim Burns	1997
	A cura do abuso sexual	Kathleen	2004
	Pureza sexual	Robert Daniels	2000
	A armadilha da pornografia: orientações para pastores e leigos acerca do vício sexual	Ralph H.Earle Jr; Mark R. Laaser	2016
	Meu marido tem um segredo	Molly Ann Miller	2012
	Responda-me por favor! Sexo e namoro	Marta Doreto de Andrade; Claudionor Corrêa de Andrade	1996
	A verdade nua e crua: amor, sexo e relacionamento	Josh McDowell	2011
Cultura Cristã	O Deus do sexo: como a espiritualidade define a sua sexualidade	Peter Jones	2017
	Sexo e supremacia de Cristo	John Piper; Justin Taylor	2009

	Sexo & dinheiro: prazeres que desapontam e a graça que satisfaz	Paul Tripp	2019
	Intimidade sexual no casamento	William Cutrer; Sandra Glahn	2001
	Guia da sexualidade da mulher cristã: você foi criada com cuidado e perfeição	Debra Evans	2001
	Sexo não é problema (lascívia, sim): pureza sexual em um mundo saturado de lascívia	Joshua Harris	2019
	Amor de verdade num mundo de falsidade: sexo, amor e gente de carne e osso	Robbie Castleman	1999
Editora dos Clássicos	Pornografia: há algum mal nisso?	Augusto Nicodemos Lopes	2010
Escolhi Esperar	Amor & sexo: uma conversa bíblica e sem rodeios sobre vida sentimental, namoro e sexualidade	Nelson Junior e Angela Cristina	2015
Fiel	Desejo e engano: o verdadeiro preço da nova tolerância sexual	R. Albert Moheler Jr.	2018
	O que a bíblia ensina sobre a homossexualidade?	Kevin Deyoung	2016
Gospel Way	Uma bênção chamada sexo	Robinson Cavalcanti	2005
Graça Editorial	Guia bíblico para o aconselhamento de compulsivos por sexo	Steve Gallagher	2004
	O porquê do hímen: um grande mistério sexual revelado. Uma mensagem poderosa para os casados, e um guia de vida para a felicidade dos solteiros	Sheila Cooley	1997

	Dois se tornam um: liberando o poder divino por meio do romance, da liberação sexual e das bênçãos de Deus no matrimônio	Harold R. Eberle	2005
	A graça de Deus e o homossexual que mora ao lado: alcançado o coração de homens e mulheres homossexuais deste mundo	Alan Chambers	2018
	No altar da idolatria sexual	Steve Gallagher	2007
	Das profundezas do pecado sexual: uma história real de restauração, perdão e amor	Steve Gallagher	2018
	De volta à natureza: a homossexualidade sob a luz da graça de Deus	Alan Chambers	Data não encontrada
	Quando o pecado secreto dele despedaça o seu coração: cartas para esposas feridas	Kathy Gallagher	2003
Hagnos	Celebração do sexo: um guia para apreciar o presente de Deus no casamento – o prazer sexual!	Dr. Douglas E. Rosenau	2013
	Como fazer amor sem tirar a roupa: 101 maneiras de conquistar sua esposa	David & Anne Frahm	2006
	Como fazer amor sem tirar a roupa: 101 maneiras de conquistar seu marido	David & Anne Frahm	2006
	Eu amo você! Namoro, noivado, casamento & sexo	Jaime Kemp	2008
	Sensato coração: a sexualidade do pastor	Jasiel Botelho; Marcos Kopeska	2013
	O segredo da rosa: sexualidade para jovens	Judith Kemp	2008
Hermenêutica Particular	Pecado sexual	Pr. Mark Driscoll	2012

Igreja Batista da Lagoinha	Vamos falar sobre sexo?	Priscila e Richarde Guerra	2016
	Sexo: bênção ou maldição?	Pr. Márcio Valadão	2010
IProdigo	Desintoxicação sexual: um guia para o jovem solteiro	Tim Challies	2013
Lan	Quase tudo que você sempre quis saber sobre sexo, namoro & casamento, mas ninguém teve coragem de contar	Philip Murdoch	2014
Mark Driscoll	Sexualidade e reformissão: uma conversa franca sobre pornografia e masturbação	Mark Driscoll	2010
Mensagem para todos	O sexo que Deus criou	Dr. Waldir Moreno Arévalo	2008
Mundo Cristão	Direto ao ponto	Kevin Leman	2016
	Eu escolhi esperar	Nelson Júnior	2015
	A batalha de todo homem: um guia para homens sobre como vencer as tentações sexuais	Stephen Arterburn; Fred Stoeker	2004
	A minha grama é mais verde: um relacionamento sexual feliz e abençoado	Jaime Kemp	2008
	O sexo começa na cozinha	Kevin Leman	2001
	Fazer amor: como fazer do sexo um ato de amor	Gary Chapman	2012
	Entre lençóis: uma visão bem-humorada da intimidade sexual no casamento	Kevin Leman	2012
	Bíblia devocional do casal? As linguagens do amor	Gary Chapman	2013
	A batalha de toda mulher	Shannon Ethridge	2006

	A batalha de todo adolescente	Stephen Arterburn; Fred Stoeker	2007
	Sexo & intimidade	Dr. Ed Wheat e Gaye Wheat	2005
	Preparando seu filho para a batalha de todo homem	Stephen Arterburn; Fred Stoeker	2009
	Preparando sua filha para a batalha de toda mulher	Shannon Ethridge	2009
Naós	No sex ...até casar. Impulso sexual: enredo para as suas batalhas espirituais ou fonte de prazer?	Jeff Fromholz	2008
Nutra	Purificando o coração da idolatria sexual	Dr. John D. Street	2016
Reflexão	Desejo e mistério: olhares diversos sobre a sexualidade	Edson Fernando de Almeida, Lúcia Ribeiro, Maria Helena Arrochellas	2013
Thomas Nelson	Bíblia Casamento Blindado	Renato Cardoso e Cristiane Cardoso	2015
	A cruz e o crepúsculo: revelando as mensagens ocultas na saga de Stephenie Meyer	Beth Felcker Jones	2010
	Comece hoje a esquentar a relação	Joyce e Clifford Penner	2012
	Amor, sexo, cumplicidade e outros prazeres a dois	Mark e Grace Driscoll	2012
	A ilusão dos 50 tons: por que fantasias sexuais e fetiches fascinam tanto?	Shannon Ethridge	2012
	7 dias de intimidade	Ed e Lisa Young	2014
	3º sexo: caminhando para o inferno	Pr. Laerte Hernandes	2011
Universidade da Família	Comunicação, sexo & dinheiro: vencendo os três desafios mais comuns do relacionamento conjugal	Edwin Louis Cole	2007
	Integridade sexual: uma revolução sexual chamada pureza	Edwin Louis Cole	2010

	Ensinando uma sexualidade saudável a seus filhos: uma abordagem bíblica para prepará-los para a vida	Jim Burns	2018
Ultimato/ABU	Eros e a sexualidade	John While	1994
	Sexo: espiritualidade, instinto e cultura	Ageu Heringer Lisboa	2006
	Macho e fêmea os criou	Carlos "Catito" Grzybowski	2013
Vida Cristã	A espiritualidade & a homossexualidade: entendendo a construção da homossexualidade	Marcos de Souza Borges	2018
	Deus e sexo: uma conexão entre sexualidade e espiritualidade	Rob Bell	2011
	Perguntas sobre sexo que você tem medo de fazer	Creig Gross; Mike Foster	2009
	Conflitos secretos dos homens	Patrick Means	2008
	Quando homens fiéis são tentados	Bill Perkins	2008
	Perguntas sobre sexo que você não pode fazer para sua mãe	Grig Gross; Mike Foster	2009
Vida Nova	Desintoxicação sexual: um guia para homens que querem fugir da imoralidade sexual	Tim Charlies	2015
	Homossexualidade: um guia de orientação aos pais para a formação da criança	Joseph Nicolosi; Linda Ames Nicolosi	2008

Notas

- 1 Uma versão muito incipiente deste artigo foi apresentada no 19º Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em Florianópolis, em 2019. Os autores agradecem aos comentários/provocações recebidos na ocasião, e ao Programa Institucional de Auxílio à Pesquisa de Docentes Recém-contratados ou Recém-doutorados da UFMG, pelo financiamento que custeou parte da pesquisa que possibilitou a escrita deste texto. Um agradecimento não menos importante fica registrado aos pareceristas que emitiram valiosas reflexões e sugestões de mudanças que foram todas consideradas na revisão para esta publicação.

- 2 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XXErcAGJNGw>. Acesso em: 04/10/2019.
- 3 Exceção a isso seriam os evangélicos chamados de progressistas, como os da Frente Evangélica pelo Estado de Direito, que lutam pela democracia e pela garantia de direitos de minorias sociais.
- 4 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/17/brasil/35.html>; <http://agenciabrasil.etc.com.br/politica/noticia/2018-10/em-crescimento-bancada-evangelica-tera-91-parlamentares-no-congresso>. Acesso em: 04/06/2019.
- 5 A pedofilia e o turismo e o assédio sexual continuam constituindo o imaginário das abjeções.
- 6 É possível que uma parcela dos evangélicos não consulte obras desse tipo ou consulte materiais não religiosos. Como a nossa pesquisa não consegue estimar esse percentual, incorreremos nesta limitação.
- 7 A seleção das editoras foi fundamentada em informações coletadas nos seguintes endereços eletrônicos: <https://dicas.gospelmais.com.br/40-editoras-cristas-evangelicas.html> e <https://livros.gospelmais.com.br/livro-tag/sexo>, acesso em 12/01/2017; <http://www.casadabibliaonline.com/> e <http://www.cemporentocristao.com.br/>, acesso em 13/01/2017. Foram considerados todos os livros do catálogo de cada uma das editoras que apareciam no mecanismo de busca por meio dos termos “sexo”, “sexualidade”, “sexual” e “pornografia”.
- 8 No artigo, como recurso estilístico, a sexualidade reprovada pelos evangélicos será chamada de proibida, “ilegítima” ou desviante.
- 9 As que tratavam especificamente da homossexualidade foram separadas para um trabalho a ser desenvolvido posteriormente.
- 10 Determinadas asserções contidas neste tópico foram previamente publicadas em Rosas (2018). Modificamos e ampliamos consideravelmente a abordagem anterior, mas a exclusão de algumas das ideias nos pareceu inadmissível no que tange ao trato do tema em questão.
- 11 Fiéis que creem na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo.
- 12 Não nos voltamos à análise de conteúdo, pois esta oferece instrumentos de decomposição de um material em unidades temáticas ou léxicas, codificadas em categorias das quais se extrai padrões de relação (correlações significativas) para possibilitar inferências generalizadoras. O pressuposto que adotamos é de que as palavras não têm um significado em si, conquanto expressam as pistas que indicam o sentido (Cappelle *et al.* 2011).
- 13 Nas redes que seguem, as notações “*is a*” representam uma relação hierárquica entre os códigos e a referida categoria. O termo “*is associated with*” faz referência a uma relação não hierárquica. Já o “*is cause of*” representa uma possível relação de causalidade, embora caiba reconhecer a dificuldade de estabelecer causalidade sem uma modelagem que retire o efeito de outras variáveis que possam ter influência.
- 14 Cumpre deixar claro que, entre os 15 livros, apenas dois trataram das sexualidades “desviantes” de maneira indireta.
- 15 Enquanto o estupro tem previsão criminosa na legislação, o incesto não é assim definido, mas pode ser enquadrado como estupro ou estupro de vulnerável (artigos 213 e 217-A, Código Penal), dependendo da idade da vítima e do uso de ameaças e violências com fins de constrangimento. Disponível: <http://josenabucofilho.com.br/incesto/>. Acesso em 13/12/2019.
- 16 Nesse contexto, o consumo de pornografia, o uso de fantasias sexuais e a masturbação seriam tentativas de o indivíduo neutralizar dores emocionais, depressão, baixa autoestima e solidão.
- 17 Em negrito, estão aquelas selecionadas para o estudo.

Submetido em: 17/12/2019

Aprovado em: 21/10/2020

Nina Rosas* (rosasnina@gmail.com)

* Professora adjunta do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil; Doutora em Sociologia pelo PPGS/UFMG.

Bernardo Guimarães Praxedes de Araújo** (bepraxa@yahoo.com.br)

** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

Milton Mendes Reis Neto*** (miltonbh@hotmail.com)

*** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

Luiz Eduardo de Souza Pinto**** (eduardo.souza@unimontes.br)

**** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

Resumo:

Sexo degradante e destruidor: uma análise sobre as interdições sexuais presentes nos livros evangélicos

O presente trabalho investiga os discursos elaborados por evangélicos sobre as práticas sexuais proibidas. Pensando na tradição que o material editorado tem para esse grupo, analisamos quinze livros religiosos que relacionam sexo a: abuso, transgressão, perigo, risco e violência (segundo a literatura socioantropológica, essas categorias se opõem à ideia, compartilhada pela maioria da sociedade, de um prazer legítimo). Os 892 trechos retirados das obras foram analisados com o apoio do *software* ATLAS.ti. Concluímos que a ênfase recai sobre a conjugalidade heterossexual e monogâmica, constituinte da família cristã, e que, ao se discorrer sobre ela, problematiza-se, direta e indiretamente, a questão da violência, que por vezes é minorada por segmentos “progressistas”. Apesar disso, de maneira geral, as práticas “ilegítimas” são interpretadas como interligadas, indo da masturbação à necrofilia, e representando um processo paulatino de degradação e corrosão do indivíduo, que denominamos de caráter processual do vício. Encontra-se, por sua vez, a mesma noção de processo no que tange ao caminho de cura oferecido pela religião.

Palavras-chave: Evangélicos; Sexualidade; Livros; Vícios; Direitos Humanos.

Abstract:

Degrading and destructive sex: an analysis of sexual interdictions founded in Evangelical books

This paper investigates the discourses, elaborated by Evangelicals, about the forbidden sexual practices. Considering the tradition of the published material for this group, we analyzed 15 religious books that relate sex to: abuse, transgression, danger, risk and violence (according to the socio-anthropological literature, these categories oppose the idea, shared by most of the society, of a legitimate pleasure). The 892 excerpts taken from the books were examined with the support of ATLAS.ti. Our conclusion is that the emphasis is on the heterosexual and monogamous conjugality, which is a constituent of the Christian family. When the religious authors discuss on it, violence, which sometimes is undermined by “progressive” segments, is directly and indirectly problematized. Nevertheless, “illegitimate” practices are generally interpreted as interconnected, ranging from masturbation to necrophilia, and representing a gradual process of degradation and corrosion of the individual. We named this process as the procedural character of the addiction. In turn, we found the same notion of process with regard to the healing path offered by religion.

Keywords: Evangelicals; Sexuality; Books; Addiction; Human Rights.

